

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Danilo Tenório Quintino

**O 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO MECANIZADO DA
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SUA IMPORTÂNCIA
DURANTE A OFENSIVA DA PRIMAVERA**

**Resende
2020**

Danilo Tenório Quintino

**O 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO MECANIZADO DA
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SUA IMPORTÂNCIA
DURANTE A OFENSIVA DA PRIMAVERA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em Ciências Militares, da Academia Militar das
Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito
parcial para obtenção do título de **Bacharel em
Ciências Militares**.

Aprovado em _____ de _____ de 2020:

Banca examinadora:

Luiz Emílio Da Cás, Cel Inf Refo

Durland Puppim De Faria, Cel Sv Int R1
Avaliador

Deivison Antunes Oliveira, Cap Cav
Avaliador

Resende
2020

“ Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. ” *2 Timóteo 4:7*

“ Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, pois tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me protegem. “ *Salmos 23:4*

“ Quando você chegar no limite, vai descobrir que consegue ir muito além, não importa a plateia, faça sempre o seu melhor. “ *Coronel R1 Inf Montenegro*

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus e ao destino, sem eles não ia descobrir minha verdadeira vocação, a minha família, aos amigos mais próximos, todos que me deram força nessa longa caminhada, também dedico aos futuros leitores desse trabalho que tenham motivação interna, foquem no ideal que todos seus esforços irão valer a pena. Força!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, meus amigos mais próximos, ao meu orientador Coronel Da Cás, aos meus coorientadores, aos meus instrutores e todos os outros que me ajudaram, em todos os momentos da formação, pois essa monografia é simbolicamente o encerramento acadêmico do curso de formação bélico de oficial combatente do Exército brasileiro.

Em todos os momentos difíceis estiveram comigo esses já citados, a família sempre motivando, os amigos e amigas melhorando os dias, semanas e meses, que mesmo longe faziam de tudo para contribuir positivamente nessa caminhada.

Finalmente agradeço aos futuros leitores, e que utilizem essa monografia nos seus futuros estudos e trabalhos, e lembrem-se sempre dos pracinhas e todos os militares que pertenceram a Força Expedicionária Brasileira (FEB).

O ideal como motivação. Força!

RESUMO

O 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO MECANIZADO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SUA IMPORTÂNCIA DURANTE A OFENSIVA DA PRIMAVERA

AUTOR: Danilo Tenório Quintino
ORIENTADOR: Luiz Emílio Da Cás

O 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da Força Expedicionária brasileira (FEB) é a única tropa da arma de Cavalaria do Exército brasileiro, que combateu na 2ª Guerra Mundial entre os anos de 1944 a 1945. Com a criação da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) em fins de 1943, o 2º Regimento Motomecanizado, então sediado na capital federal (Rio de Janeiro), recebeu ordem para preparar seus esquadrões para participar da Campanha da Itália, foi designado o 3º Esquadrão de Reconhecimento e Descoberta e em fevereiro de 1944 foi dada a sua autonomia administrativa, sendo incorporado a 1ª DIE. Passou a se chamar 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, utilizando viaturas dos Estados Unidos da América (EUA), viatura ¼ Ton 4x4 Jeep Willys e Ford GP ¼ de Ton, além dos veículos leves 6x6 VBR M8 Greyhound, sendo seu primeiro comandante o Capitão Flávio Franco Ferreira, porém por conta de problemas de saúde passou o comando do 1º Esqd Rec Mec para o então 1º Ten Pitaluga. O objetivo desse trabalho foi descrever e relatar sobre o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado e sua importância durante a ofensiva da primavera. Com a vitória em Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945, a FEB rompeu a Linha Gótica, uma das últimas defesas organizadas alemãs na Itália e em abril, a vitória na Batalha de Montese, já dentro do contexto da Ofensiva da Primavera, aumentou o avanço no território italiano para chegar ao noroeste, de modo que o 1º Esqd Rec Mec fizesse o reconhecimento e, por fim, ser a tropa que ia fazer a ligação da D.I.E. com os aliados, tropas francesas, na cidade de Susa. Foi analisado e estudado o único relatório escriturado pelo General Pitaluga, (o relatório do 1º Esquadrão de Reconhecimento da 1ª Divisão de Infantaria da F.E.B) que deu as bases dessa monografia.

Palavras-chave: 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado. Força Expedicionária brasileira. 2ª Guerra Mundial. Ofensiva. Plínio Pitaluga.

SOMMARIO

IL PRIMO SQUADRON DI RICONOSCIMENTO MECCANIZZATO DELLA FORZA SPEDIZIONALE BRASILIANA E LA SUA IMPORTANZA DURANTE L'OFFENSIVA DI PRIMAVERA

AUTORE: Danilo Tenório Quintino

SUPERVISORE: Luiz Emílio Da Cás

Il 1° squadrone di ricognizione meccanizzato della Forza di spedizione brasiliana (FEB) è l'unica truppa dell'arma di cavalleria dell'esercito brasiliano, che ha combattuto nella seconda guerra mondiale tra gli anni 1944-1945. Con la creazione della 1a divisione di fanteria di spedizione (DIE) alla fine del 1943, al 2° Reggimento motorizzato, con sede nella capitale federale (Rio de Janeiro), fu ordinato di preparare i suoi squadroni per partecipare alla Campagna in Italia, fu designato il 3° Squadra di Riconoscimento e Scoperta e nel febbraio 1944 fu data la sua autonomia amministrativa essendo incorporato il 1° DIE. È stata ribattezzata la prima Reconnaissance Squadron meccanizzata utilizzando veicoli degli Stati Uniti d'America (USA) veicoli ¼ Ton 4x4, Jeep Willys e Ford GP ¼ Ton oltre ai veicoli leggeri 6x6 VBR M8 Greyhound, il suo primo comandante fu il Capitano Flávio Franco Ferreira, tuttavia a causa di problemi di salute passò il comando del 1° Esqd Rec Mec all'allora 1° Tenente Pitaluga. Lo scopo di questo lavoro era di descrivere e riferire sul 1° squadrone di ricognizione meccanizzato e sulla sua importanza durante l'offensiva di primavera. Con la vittoria om a Monte Castelo, il 21 febbraio 1945, il febbraio ha rotto la Linea Gotica, una delle ultime difese organizzate tedesca in Italia ed e m aprile, la vittoria nella battaglia di Montese , già nel contesto Offensiva di Primavera , l'avanzata nel territorio italiano aumentò fino a raggiungere il nord-ovest, cosicché il 1° Esqd Rec Mec avrebbe fatto la ricognizione e infine sarebbe stata la truppa che avrebbe fatto il collegamento del DIE con gli alleati, le truppe francesi, nella città di Susa . L'unico rapporto scritto dal generale Pitaluga, (il rapporto del 1° squadrone di ricognizione della 1a divisione di fanteria della FEB), che ha fornito le basi per questa monografia, è stato analizzato e studiato.

Parole chiave: 1° squadrone di ricognizione meccanizzato. Forza di spedizione brasiliana. 2ª guerra mondiale. Offensivo. Plínio Pitaluga.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Criação do 1º Esqd Rec.....	14
Figura 2 – Organograma do 1º Esqd Rec Mec.....	15
Figura 3 – VBR 6x6 M-8 Greyhound.....	17
Figura 4 – Viatura ¼ Ton 4x4 Jeep Willys.....	17
Figura 5 – 1º Esqd de Rec Mec completo e suas viaturas.....	18
Figura 6 – Itinerário de chegada do 1º Esqd Rec Mec na Itália.....	19
Figura 7 – Organograma da subordinação da FEB na Frente Italiana.....	19
Figura 8 – Gen Pitaluga então como Capitão junto com uma VBR M8 Greyhound (1945, 15 dias após do fim da guerra)	22
Figura 9 – Entrada em Montese.....	23
Figura 10 – General alemão Otto Fretter Pico, comandante da 148ª Infantaria, rendendo-se ao general brasileiro FEB Zenobio da Costa. Itália, 1945.....	24
Figura 11 – Mortos do 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB na Itália.....	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
FEB	Força Expedicionária Brasileira
EB	Exército Brasileiro
CEX	Corpo de Exército
DIE	Divisão de infantaria expedicionária
RI	Regimento
BTL	Batalhão
ESQD	Esquadrão
PEL	Pelotão
MEC	Mecanizado
OP	Operação
REC	Reconhecimento
CAP	Capitão
TEN	Tenente
SGT	Sargento
CB	Cabo
CC	Carros de combate
2ª GM	2ª Guerra Mundial

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVOS	11
1.1.1	Objetivo geral	11
1.1.2	Objetivos específicos	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	ANTECEDENTES DA OFENSIVA DA PRIMAVERA	12
2.1.1	O Exército Brasileiro na 2ª Guerra Mundial	13
2.1.2	Origens e preparo do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado	13
2.1.3	Antecedentes da Ofensiva da Primavera (16 julho 1944 a 6 abril 1945)	17
2.2	OFENSIVA DA PRIMAVERA	21
2.3	O ATAQUE A MONTE CASTELO E MONTESE	22
2.4	A IMPORTÂNCIA DO 1º ESQD DE REC MEC DA FEB PARA A CAVALARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, APÓS A 2ª GUERRA MUNDIAL	25
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO	26
3.1	TIPO DE PESQUISA	26
3.2	MÉTODO	25
3.2.1	Pesquisa do contexto histórico	26
3.2.2	Pesquisa da relevância do estudo sobre o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado	26
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

O ano de 1944 é de fato um marco para a Cavalaria do Exército Brasileiro, dentre toda sua história invicta desde Guararapes à Campanha da Tríplice Aliança, foi um ano que por sua singularidade mudou os rumos da Arma que é a ponta da lança do Exército do Brasil. Em 20 de setembro de 1944, o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, menos o seu 2º pelotão parte, junto com o 2º Escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB), para a Europa, precisamente, para a Itália.

O Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, era o mais novo na Cavalaria, âmbito doutrina mundial, e estava presente nos melhores exércitos do mundo, o pioneirismo que aqueles militares estavam fazendo ao começarem os treinamentos em fevereiro/março de 1944, era de vital importância para o que conhecemos hoje de cavalaria mecanizada, sendo o nascimento da mesma no Brasil.

Devemos destacar também a importância do General de Cavalaria Plínio Pitaluga, então 1º Tenente Pitaluga que ainda não era o comandante do Esquadrão, porém por motivos futuros seria o comandante e figura essencial de liderança.

O presente trabalho procurou trazer mais sobre a história desse esquadrão e suas missões, que por diversas vezes eram difíceis e perigosas, e tem seu foco na ofensiva da primavera e o ataque a Monte Castelo.

Esta monografia justifica-se por buscar trazer mais conhecimentos a futuros leitores, militares ou civis sobre uma parte de suma importância para a história do Brasil, a campanha da Força Expedicionária Brasileira, levou o nome da nação para o mundo, melhorou nossa imagem internacional, trouxe proveitos econômicos por conta da aliança escolhida, trouxe avanços militares e sociais. Os militares que combateram na Itália, carinhosamente chamados de pracinhas, até hoje são lembrados pelos cidadãos italianos, e seus feitos de caridade e ajuda, colocaram o nome do Brasil na história.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

A presente pesquisa tem o intuito de apresentar o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, focando na ofensiva da primavera e a evolução que o Esquadrão trouxe para a Cavalaria Do Exército Brasileiro pós 2ª Guerra Mundial.

1.1.2 Objetivos específicos

Apresentar de forma sucinta as causas para o início da 2ª Guerra Mundial e a entrada do Brasil na Guerra;

Descrever os antecedentes da ofensiva da primavera;

Apresentar a Ofensiva da primavera e as principais batalhas que o 1º Esqd Rec Mec participou;

Descrever e discorrer sobre o ataque do 1º Esqd Rec Mec a Monte Castelo e Montese;

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nosso tema de pesquisa insere-se na área de História Militar, conforme definido na portaria nº 734, de 19 de agosto de 2010, do Comandante do Exército Brasileiro.

2.1 ANTECEDENTES DA ENTRADA DO BRASIL NA 2ª GUERRA MUNDIAL

Em 1937 o Brasil sofreu um golpe na sua democracia que engatinhava, Getúlio Vargas fechou o Congresso e decretou o Estado Novo, rasgando a constituição. Como sempre, a política brasileira era de fato uma mistura, não se sabia se Getúlio era a favor dos Nazistas/Fascistas ou se estava ao lado do liberalismo capitalista dos Estados Unidos da América, sabe-se que socialista o presidente não era, porém tinha traços populistas.

Políticos, artistas, militares, diversas pessoas foram presas e caçadas, Getúlio de certo era o novo ditador do Brasil. Na Europa Hitler chegou ao poder e estava transformando a Alemanha nos campos da política, sociedade e economia.

O governo Brasileiro estava mais alinhado com os regimes ditatoriais existentes, com isso os Estados Unidos da América estavam em alerta.

Com o começo da 2ª Guerra Mundial, o Brasil não tomou lado entre as beligerâncias, porém continuava o comércio com todos os lados, navios brasileiros iam para a Europa, frequentemente, mesmo com o perigo. Após as primeiras baixas de navios, afundados por submarinos alemães, a sociedade, os participantes do governo, militares e civis, começaram a por pressão em Getúlio Vargas.

Em 1942, após todas as sequências de problemas marítimos, e a pressão norte americana, que assinaram um acordo de apoio econômico com o Brasil, Getúlio Vargas rompe relações com os países do Eixo e declara guerra aos mesmos.

2.1.1. O Exército Brasileiro na 2ª Guerra Mundial

Durante os primeiros anos da Segunda Guerra, o governo do Estado Novo não tomou posição definida, mantendo neutralidade. Em janeiro de 1942, depois da Conferência de Chanceleres Americanos em Havana, capital de Cuba, o governo rompeu relações diplomáticas com as nações do Eixo, permitindo a instalação de bases navais e aéreas no Nordeste do Brasil.

Conforme Rodrigues (2007, pp.240-241):

Em 22 agosto de 1942, o afundamento de navios brasileiros levou o Brasil a declarar guerra ao Eixo, e já em 27 do mesmo mês reuniu-se pela primeira vez a "Comissão

Militar Mista de Defesa Brasil - Estados Unidos" em Washington, deliberando sobre como seria a participação militar do Brasil na guerra, destacando-se:

- O envio de um Corpo de Exército (CEEx), a três Divisões de Infantaria (DI), mais os elementos de apoio, à África ou à Europa;
- As unidades teriam organização igual às adotadas pela doutrina militar norte-americana (NA);
- O envio de uma Força Aérea Expedicionária;

(...)

- A participação de oficiais brasileiros em estágios de instrução nos EUA;
- O envio de militares norte-americanos como instrutores para o Brasil;

Em 1943, a Marinha e a Força Aérea realizavam o patrulhamento da costa brasileira e do Atlântico Sul. Ainda em 1943, foi enviada para a Itália uma esquadrilha da FAB. Em julho de 1944 partiu para a Itália o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Em fevereiro de 1943, o Presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt, retornando de visita a Casablanca, no norte da África, esteve em Natal acompanhado do Presidente Getúlio Vargas, ocasião em que ratificaram os acordos de guerra entre Brasil e Estados Unidos.

A 9 de agosto de 1943, foi ordenada a organização da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e das outras duas DIE, em 07 de janeiro de 1944. A organização das outras duas DIE foi cancelada após o embarque do 1º Escalão da FEB para a Itália em julho do mesmo ano. (RODRIGUES, 2007)

Pelo exposto podemos constatar o curto espaço de tempo entre o início das hostilidades, a organização, o preparo e o envio das tropas brasileiras para o território italiano.

2.1.2 Origens e preparo do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado

Por constituir novidades na estrutura organizacional divisionária brasileira, principalmente devido à influência americana, o 1º Esquadrão de Reconhecimento foi criado a partir do Decreto-lei nº 6.072-A, de 06 de dez 43, e instalado no 2º Regimento Motomecanizado sediado na capital federal, sendo designado o 3º Esquadrão de Reconhecimento e Descoberta para participar da campanha da Itália.

INSTALAÇÃO DO 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO

Aviso nº 573-485. Reservado. Em 13-XII-1943

É mandado instalar, provisoriamente, no quartel do 2º Regimento Motomecanizado, o 1º Esquadrão de Reconhecimento, orgânico da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, criado pelo Decreto-Lei reservado nº 6072 a de 6-XII-1943.

(Ass.) Eurico G. Dutra (publicado no BOLETIM RESERVADO DO EXÉRCITO nº 22 de 28 de dezembro de 1943)

Em 04 fevereiro de 1944 foi finalmente dada autonomia administrativa a esta nova unidade, que passou a ocupar um pavilhão de madeira ao lado de um picadeiro na cidade do Rio de Janeiro, permanecendo ainda dependente do 2º Regimento Motomecanizado no que se referia à alimentação, uma vez que não possuía uma cozinha própria.

Tivemos pouco tempo para nos preparar, senão vejamos: em fins de 1943 começaram a organizar as Unidades, que já existiam, dando-lhes uma estrutura maior; em julho do ano seguinte, nós estávamos embarcando para a Itália; e, em setembro, entramos em combate. Ninguém acreditava que fosse possível organizar a FEB e, muito menos, embarcar para a Itália. Diziam que iríamos permanecer indefinidamente no campo de instrução de Gericinó, no Rio de Janeiro. O descrédito era muito grande. Inicialmente, a ideia era organizar um Corpo de Exército com três Divisões, porém, logo em seguida, verificou-se a impossibilidade de reunir esse efetivo. (PITALUGA, 1947)

Pode-se notar a dificuldade do preparo e organização da FEB, o tempo escasso, a falta de investimentos de anos nas forças armadas pelos governos, tudo culminando em obstáculos para a entrada dos brasileiros no teatro de operações. Contudo tínhamos homens abnegados, nosso potencial humano era de primeira qualidade, isso ajudou na rápida evolução militar do exército, com todos militares e civis brasileiros ajudando nos esforços de guerra.

Vedere Napoli, dopo morire ... (Ver Nápoles e depois morrer...)

Esta é a frase com que os italianos se referiam à sua bela cidade, porém, na chegada da FEB, o porto de Nápoles estava em estado lastimável. Vários navios estavam submersos, só com a ponta dos mastros fora d'água e com muitos balões tipo zepelim destinados à defesa antiaérea. (PITALUGA, 1947)

Cabe ressaltar que o estado físico da nossa mocidade era bem diferente do atual. Hoje, estamos com outros índices de higidez. No contexto da época era difícil conseguir selecionar 25 mil homens e teve-se que chamar um universo de oitenta mil jovens para compor nossas guarnições de defesa do território. Realizou-se um sacrifício muito grande para atender ao esforço de guerra.

Figura 1 – Criação do 1º Esqd Rec

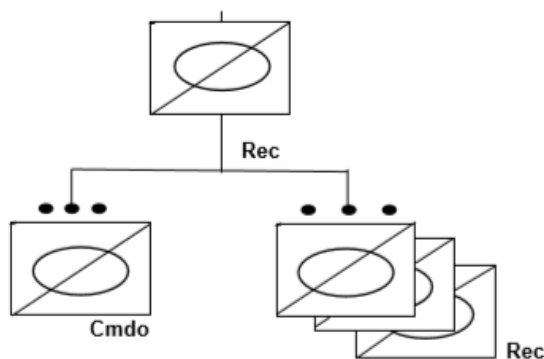
- 1º Esquadrão de Reconhecimento da 1ª D.I.E. - Criação: - O Presidente da República usando da atribuição que lhe confere o artigo 180, da Constituição, decreta:

Artigo Único. É criado de acordo com o Decreto-Lei nº 6018-A, de 23 de novembro de 1943, para organização imediata nesta capital, o 1º Esquadrão de Reconhecimento, orgânico da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, revogadas as disposições em contrário. (A) Getúlio Vargas - Eurico Gaspar Dutra. (DECRETO-LEI 6072-A, de 6-XII-943. Res, publicado no BOLETIM RESERVADO DO EXÉRCITO nº22, de 28 de dezembro de 1943 e no BOLETIM INTERNO RESERVADO nº17, de 11 fevereiro de 1944, da 1ª DIE).

Embora não dispondo de todo o material orgânico, foi iniciada a instrução, visando, inicialmente, o preparo moral e físico. Entre fevereiro e março de 1944 foram recebidas e distribuídas 5 viaturas blindadas de reconhecimento, e viaturas de rolamento misto, iniciando a seleção e adestramento dos motoristas. Em 30 de junho o 2º Pelotão embarcou para a Itália, não sem antes uma inspeção sanitária afastar 20% do seu efetivo, tendo esse claro sido preenchido, na véspera do embarque, por elementos do depósito de pessoal. Em 30 de julho, a subunidade foi incorporada ao V Exército Americano, e passava então, a receber as diretrizes para a instrução de seu pessoal diretamente daquele exército. (PITALUGA, 1947)

O Esqd era constituído de três Pelotões de Reconhecimento, um Pelotão de Comando e um Pelotão de Administração, encarregado das atividades de apoio administrativo. Ao todo eram 180 homens e foi o único Esqd na guerra.

Figura 2 – Organograma do 1º Esqd Rec Mec.



Fonte: acervo do museu militar Cap Plínio Pitaluga.

O grosso do Esquadrão embarcou com o 2º escalão, no dia 20 de setembro de 1944, no transporte americano General Mann, desatracando a 22 de outubro do mesmo ano. Neste escalão embarcou, inclusive, o Capitão Flávio Franco Ferreira, comandante do Esquadrão e o 1º Tenente Plínio Pitaluga, Subcomandante.

A viagem naqueles navios cheios foi uma experiência inédita para todos os militares brasileiros. A alimentação era diferente, a disciplina dura e a limpeza bastante exigida, pois a viagem seria longa e a saúde dos militares deveria estar perfeita ao desembarcarem na Europa. Os locais de alojamento ficavam abaixo da linha d'água e corria-se o perigo de torpedeamento do navio, por submarinos alemães.

Mas fomos transportados e quando chegamos à Europa houve surpresa e curiosidade sobre a FEB. Que tropa é essa? Não tínhamos a confiança de nossos aliados. Nossa última guerra fora em 1870 – Guerra da Tríplice Aliança – mas que não somava mais como elemento positivo de nossa capacidade militar. Não possuíamos tradição bélica. A propaganda alemã dizia que éramos uma tropa de negros, sífilíticos, analfabetos e antropófagos e conclamava as famílias italianas a defenderem as suas filhas. (PITALUGA, 2000)

Nossas tropas mesmo sendo desmoralizadas, tendo êxitos e insucessos na fase inicial, no batismo de fogo, estávamos, contudo, prontos e motivados, principalmente pelo preparo dos comandantes de cada fração.

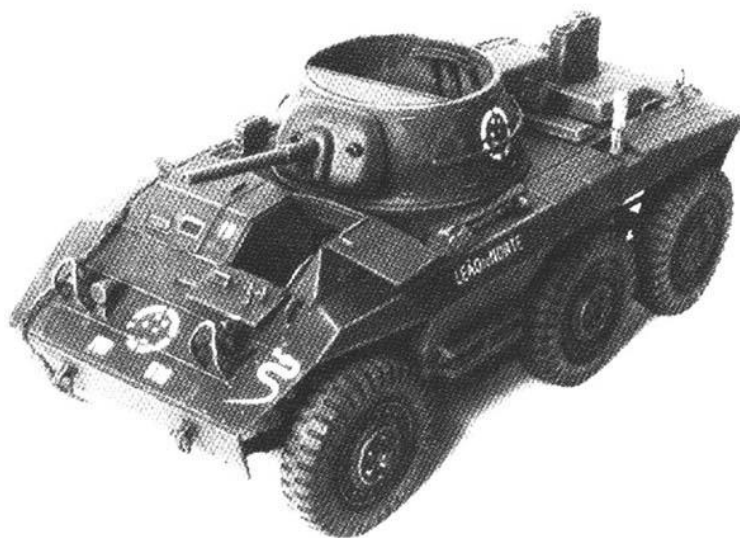
O Esquadrão foi criado de acordo com a doutrina dos Estados Unidos da América, com sua organização “Triangular” das peças de manobras. De acordo com o General Pitaluga “a organização do 1º Esquadrão de Reconhecimento era idêntica a dos norte-americanos, ou seja: 1(um) Pelotão do Comando e 3 (três) Pelotões de Reconhecimento” (Pitaluga, 1947), com um total de 156 (cento e cinquenta e seis) militares.

Cada Pelotão de Reconhecimento era basicamente constituído de três patrulhas, cada uma com 1 (um) carro de reconhecimento M-8 Greyhound e 2 (duas) viaturas Jeep ¼ Ton. Os M-8 possuíam 1 (um) canhão 37 mm e 1 (uma) metralhadora .30. Uma viatura Jeep era equipada com uma peça de metralhadora Browning .30 e a outra conduzia uma peça de morteiro 60mm M2. Além das viaturas M-8 e Jeeps, o Esquadrão era dotado de outras viaturas como o Half-Track M3 A1, reboques diversos e viaturas de transporte 2 Ton. 6x6, totalizando 47 (quarenta e sete) viaturas.

A doutrina e prática do reconhecimento mecanizado eram desconhecidas no Brasil, tendo em vista que a cavalaria era praticamente hipomóvel. Os manuais norte-americanos tiveram de ser traduzidos para o português, de modo que a doutrina e organização deste novo tipo de unidade fossem aprendidas. Entre esses manuais havia o “Efetivo e Dotação de Material para o Esquadrão de Reconhecimento - Tipo Força Expedicionária Brasileira”, onde constavam todas as funções e o material previsto para equipar um Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado.

Os militares do Esqd passaram então a treinar as técnicas ensinadas pelos americanos, improvisando com o material nacional. O Esqd permaneceu nesta situação até o embarque do 2º Pelotão no chamado destacamento “FEB”, primeiro escalão do efetivo da FEB a embarcar para a Itália. Já em solo europeu o pelotão recebeu os materiais norte-americanos, entre eles as viaturas M8 Greyhound, os Jeep Willys e os M3 Half-Track, e rápido treinamento de adaptação ao novo armamento, passando a integrar a linha de frente do V Exército Norte-Americano.

Figura 3 – VBR 6x6 M-8 Greyhound



Fonte: Museu Capitão Plínio Pitaluga

Figura 4 – Viatura ¼ Ton 4x4 Jeep Willys



Fonte: Museu Capitão Plínio Pitaluga

2.1.3. Antecedentes da Ofensiva da Primavera (16 julho 1944 a 6 abril 1945)

Podemos dividir a parte operacional em duas fases distintas e importantes. Da chegada a Itália até abril de 1945, ele foi empregado como tropa de Infantaria, isto é, foi, praticamente, transbordado numa Companhia de Fuzileiros. Não havia espaços – naquela defensiva, no

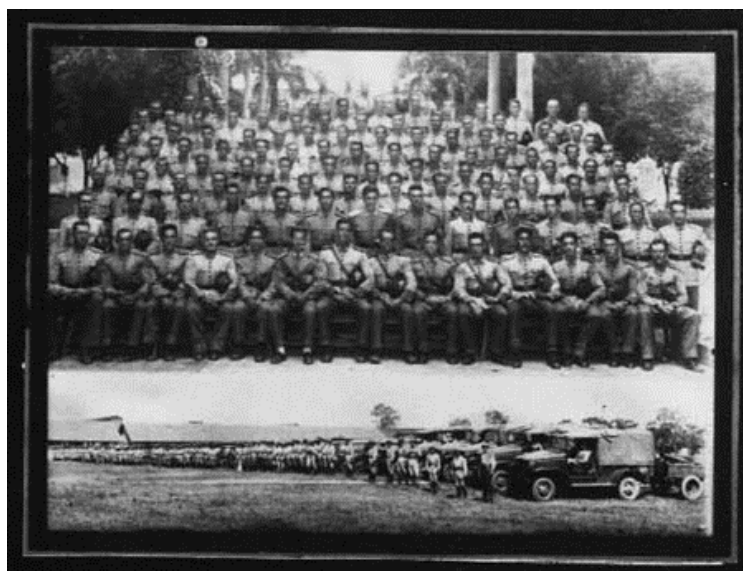
inverno – para que ele pudesse atuar nas suas missões típicas de reconhecimento e retomada de contato.

O Esqd sofreu consequências decorrentes dessa modificação na sua missão básica, porque não estava preparado para isso. O seu pessoal era constituído de motoristas, atiradores, radioperadores – não havia telefonistas – e mecânicos, que se desgastaram muito nessa atuação como infantes. Nessa fase cumpriu missões de cobertura de flanco, esteve fechando brechas entre os Batalhões e as Companhias e realizando patrulhas. Seu batismo de fogo foi na captura de Camaione, como Pelotão integrante do destacamento FEB.

Em 16 de Julho de 1944, o navio de transporte americano "Gen Mann", desembarcou o 1º Escalão da FEB em Nápoles, dirigindo-se para Bagnoli, onde acampou. A 30 de agosto o 1º Escalão, incluindo o 2º Pelotão do Esquadrão, deslocou-se para Tarquínia e para diversas localidades a fim de receber instruções e realizar adestramento final junto aos aliados (BRANCO, 1960).

Em 15 de setembro de 1944, o 2º Pelotão, que estava acampado em Vechiano recebeu sua primeira missão de guerra. Para cumpri-la, o Pelotão foi dividido em 2 patrulhas cada uma sob o comando de um oficial; a 1ª patrulha foi destacada no eixo Manacucoli - Chiesa - Massarosa. A 2ª patrulha recebeu a missão de reconhecer o eixo de Ponte de S. Pietro - S. Macário Piano - S. Macário do Monte, sendo hostilizado por tiros de morteiro em todos os reconhecimentos. Essa patrulha é considerada o Batismo de Fogo da Força Expedicionária Brasileira na Itália (BRANCO, 1960).

Figura 5 – 1º Esquadrão de Rec Mec completo e suas viaturas. ¹



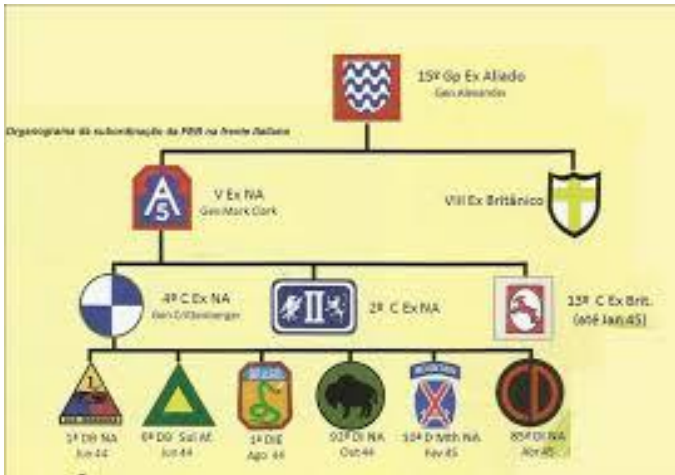
¹Disponível em: <<http://www.cibld.eb.mil.br/index.php/periodicos/escotilha-do-comandante/464-escotilha-106>>. Acesso em 10 abril de 2020.

Figura 6 – Itinerário de Chegada do Esquadrão de Reconhecimento na Itália.



Fonte: acervo do museu militar Capitão Plínio Pitaluga.

Figura 7 – Organograma da subordinação da FEB na Frente Italiana.



Fonte: acervo do museu militar Cap Plínio Pitaluga.

Após 17 de setembro, devido às características do terreno e a dificuldades de empregar os meios motomecanizados, o Esqd Rec Mec, representado ainda apenas pelo 2º Pelotão, passa a realizar diversos reconhecimento e patrulhas a pé. Em 16 de novembro de 1944 ocorre a junção com elementos do 2º Escalão da FEB, incluindo o restante do Esquadrão. Nesse período

o Esquadrão perde o 2º Sgt PEDRO KRINSKI, em 24 de setembro de 1944, vítima de estilhaço de granada na região de Camaiore.

No período de 9 de novembro de 1944 até 18 de fevereiro de 1945 ocorre a fase de defensiva no Vale do Reno, influenciada pelo intenso inverno e caracterizada pelas missões de vigilância e patrulhamento, sendo a tropa brasileira constantemente hostilizada por morteiros, visto que o inimigo possuía comando da posição das tropas brasileiras. Nesse período, e dias antes aos ataques iniciais ao Monte Castello (24 de novembro), o Esqd Rec Mec perdeu mais dois militares, o 2º Ten AMARO FELICÍSSIMO DA SILVEIRA, 20 de novembro de 1944, durante a realização de uma patrulha de combate na região de Montilloco, e o Cb BENEDITO ALVES, em 17 novembro de 1944, vítima de acidente com arma de fogo.

"No dia 20 de novembro uma ordem de busca de informações foi cumprida por uma patrulha sob o comando do 1º Ten Amaro, lançada para reconhecer a localidade de Montilloco foi hostilizada por fogos de armas automáticas. Revelando seu Cmt uma rara noção de responsabilidade, e espírito militar incomum, ainda tentou desbordar a resistência revelada. Colocou sua arma automática em posição, deu ordens aos demais elementos da patrulha e tentou alcançar uma posição favorável a observação e flanquear a posição inimiga. Ao dar um lança fora atingido mortalmente, ficando seu corpo batido pelo fogo de armas automáticas alemãs. O 3º Sgt auxiliar da patrulha, tentara recuperar o corpo do 1º Ten Amaro, não tendo conseguido seu intento em vista da superioridade de fogo do inimigo, que a cavaleira dominava qualquer movimento da patrulha nesse sentido. O bagageiro do Ten ainda conseguira se aproximar do corpo e, depois de constatar sua morte e a impossibilidade de carregá-lo, vira-se obrigado a retrair. Somente em abril, quando o maciço de Belvedere-De la Torracia estava ocupado pelas forças aliadas, o cadáver do 1º Ten Amaro fora encontrado enterrado na localidade de Montilloco, sendo transportado para o cemitério de Pistóia." (Trecho do ofício remetido pelo Cap Plínio Pitaluga, Cmt do 1º Esqd Rec Mec, ao Cmt da 1ª DI em 07 de janeiro de 1946, solicitando a denominação "ESQUADRÃO TEN AMARO" à unidade).

Em 25 de dezembro de 1944, o 1º Ten Pitaluga é promovido a capitão e, com o afastamento e evacuação para o Brasil por motivo de saúde, do Capitão Flavio Franco Ferreira, assume o comando do 1º Esqd Rec Mec o Capitão Plínio Pitaluga, até então Subcomandante do Esqd, que foi efetivado no comando da unidade no dia 10 de janeiro de 1945.

Em 20 de janeiro de 1945, o Esqd recebeu a seguinte missão: "Impedir que elementos inimigos lançados de paraquedas, atuem no setor da Divisão e pratiquem atos de sabotagem e espionagem." (PITALUGA, 1947, p.14).

Com isso foi organizado o serviço de vigilância dentro da zona atribuída ao Esqd e os reconhecimentos necessários para atender ao seu emprego em outras zonas de acordo com ordens da 1ª DIE.

No período de 19 de fevereiro a 7 de março de 1945, ocorre a Operação "Encore" onde a FEB conhece as vitórias nos Montes Belvedere, Castello e Della Torracia e finalmente

Castelnuovo. No ataque a Monte Castelo o Esqd é empregado na reserva da DIE, juntamente com a 1ª Cia do 11º RI e reforçado por dois pelotões Anti-Carro do 11º RI, concentrando-se na região de Serrassiccia o 1º Esqd Rec esteve pronto para cumprir a missão de deslocar-se, no dia D, mediante ordem, em condições de ser empregado quer no eixo da estrada 64, quer no de Sila a Gaggio Montano.

O Esqd estava assim localizado no flanco oeste da 1ª DIE, onde realizava patrulhas durante a noite, com a peculiaridade de não possuir material apropriado para a marcha sobre a neve, o que causou pouco rendimento na execução dos deslocamentos. As posições do 3º Pelotão Rec Mec e 2º Pelotão da Cia Anti-Carro do 11º RI eram diariamente bombardeadas por fogos de artilharia de 75 e 105 mm, sem causarem danos pessoais. As baterias inimigas foram localizadas na região a oeste e leste de Sestola e se encontravam fora do alcance da artilharia divisionária, assim, as posições de morteiros localizadas nas contra encostas foram desalojadas pelo fogo dos morteiros químicos americanos que se encontravam na região de Lá Cá. (PITALUGA, 1947).

Após as conquistas da Operação "Encore" os aliados procuraram manter o terreno através da condução de uma nova defensiva sobre o divisor Reno-Panaro, situação que perdurou até 14 de abril de 1945, quando iniciou a Ofensiva da Primavera.

2.2 OFENSIVA DA PRIMAVERA

Segundo a Ordem de Operações nº 32 de 09 de abril de 1945, a missão do 4º Corpo era "Atacar entre o rio Reno e a linha M. Grande D'Aiano-Dragodena - M. Moscoso, com a 10ª Divisão de Montanha". A 2ª "Ideia de Manobra" da 1ª DIE era "Lançar reconhecimentos fortes e profundos particularmente no eixo Maserno – Mo Tespecchio". A missão do Esquadrão de Reconhecimento, por sua vez, como reserva era "ficar em condições de fazer a defesa aproximada de Gaggio Montano, face Norte e a Noroeste".

Ainda na jornada do dia 9 o Esquadrão (menos um pelotão) se deslocou para seu novo estacionamento e na jornada do dia 10 o pelotão do Esquadrão que havia ficado se deslocou para seu novo estacionamento, ainda na primeira parte da jornada.

Nessa localidade, o Esquadrão foi substituído por uma Cia do 370º Regimento de Infantaria (americano) e acampou na região escolhida.

Figura 8 – General Pitaluga então como Capitão junto com uma VBR M8 Greyhound (1945, 15 dias após do fim da guerra).



Fonte: acervo do museu militar Cap Plínio Pitaluga.

2.3 O ATAQUE A MONTE CASTELO E MONTESE

O ataque a Monte Castelo representa um divisor de águas na Campanha da Itália. Foi a primeira de uma série de conquistas que se seguiram sem grandes reveses. Ocorreu no período de 14 a 18 de abril de 1945, podemos extrair da O Op nº 23 de 13 de abril de 1945:

"O inimigo defenderá fortemente o triângulo de alturas Montese-888Montelo caso não obrigado a um retraimento pela ameaça causada com o avanço da 10ª Divisão de Montanha. Ideia de manobra da 1ª DIE: 1º - Manter as posições; 2º - Lançar fortes reconhecimento no eixo Moserno-Montespecchio e sobre a linha Montese-Montebufone-Montelo; 3º - Procurar a melhora da posição com a posse da linha Montese-888Montello e da região 747, partindo daí, em aproveitamento do êxito sobre Perocchi-Ranocchio e Montespecchio." (PITALUGA, 1947, p.24).

Assim, o Esqd que estava em reserva, teve por missão:

"Deslocar-se para a região de Tamburini, na jornada de 14, onde ficará em condições de aproveitar o êxito sobre Bertocchi e Ranocchio". (PITALUGA, 1947, p.24).

Para cumprir a sua missão o Esquadrão recebeu a disposição uma seção da 1ª Cia do 9º Batalhão de Engenharia. Às 14:00 horas do dia 14, o Cmt do Esqd recebeu ordem para se deslocar para a região de Tamburini, Campo Del Sole - Il Cerro. Durante o ataque do 3º Btl do 11º RI, este sofre resistência inimiga, o Esqd permanece articulado na região de Campo Del

Sole - Il Cerro e colabora na ligação entre a 7ª Cia do III/6º RI e um pelotão de carros de combate médios (americanos) na consolidação da tomada de Montese.

Pela ordem particular de operações nº 42 E:

"O Esqd na região de Il Cerro Campo Del Sole - além de ficar em condições de cumprir a missão da O Op nº 33, deverá também ficar em condições de operar contra ação inimiga a SW de Montese e na região de Maserno." (PITALUGA, 1947).

Figura 9 – Entrada em Montese



Fonte: Museu Capitão Plínio Pitaluga

Nos dias 15, 16 e 17 de abril o Esqd permanece em reserva na mesma região, aonde foram realizados: reconhecimento das saídas de Montese; levantamento de campos de minas na estrada de Il Cerro - Montese e na estrada frente a "Cá de Biccoci"; treinamento físico.

Devido às ações realizadas pela FEB, a penetração profunda da 10ª Divisão de Montanha e pelo alargamento da brecha pela 1ª Divisão Blindada para Noroeste, o inimigo se vê obrigado a se retirar para a margem oeste do rio Panaro.

A segunda fase – a partir de Montese – foi quando o Esqd passou a atuar conforme suas características, nas operações de Aproveitamento do Êxito, (Operação que se segue a um ataque

bem-sucedido e que, normalmente, se inicia quando a força inimiga se acha em dificuldades para manter suas posições). Enquanto na primeira fase esforçou-se para ser uma boa companhia de infantaria, na segunda fase, o Esqd Rec Mec, entrou para a história com a sua valiosa contribuição para o final da guerra, em Collecchio, quando conquistou, praticamente sozinho, a metade da cidade, completada pela ação do Batalhão do Major Ramagem, comandante do 11º Regimento de Infantaria.

Escrevo de dentro de Montese destruída. Montese não existe mais, nenhuma casa permaneceu intacta. Acidade é um deserto, pleno de ruínas. Nas casas destruídas, as marcas de sangue testemunham a violência da batalha. Mas a completa destruição ainda não chegou. Transcorreram mais de 48 horas, e os alemães, com a artilharia, continuam atirando as bombas sobre a cidade, quase interruptamente. A cada minuto se ouvem explosões. Tanques de guerra destruídos, paredes caídas, uma bomba aérea que não explodiu, montes de ruínas nas ruas, silêncio dos homens cansados. Esta é Montese. A sua torre é semidestruída, o cemitério é danificado. Procurei encontrar algum habitante, mas em vão. Vi somente portas arrebentadas, leitos vazios, quartos em desordem. (SQUEFF, Id., p. 276.)

“Quando em Montese começou vossa ofensiva com os carros de aço e vossos homens decididos, na têmpera rija havia uma força viva impulsionando-os a nunca serem vencidos! ...”
(Extrato do poema “Esquadrão de Reconhecimento”, autor desconhecido)

Depois, o Esqd atuou no Cerco de Fornovo e realizou incursões para o norte, até Turim, chegando em todas as posições com a mesma capacidade ofensiva e fornecendo ao Comando as informações básicas essenciais sobre o inimigo. Chegando em Fornovo, teve-se o contato com o General Fretter Pico Comandante da 148ª Divisão alemã. Após acertada a rendição, as forças alemãs passaram para a responsabilidade do Esqd, deixando de combater.

Na virada de 29 para 30 de abril de 1945, cerca de 200 brasileiros em 13 carros blindados forçaram a rendição de 14.779 homens de três divisões alemãs (148, Panzer e Bersaglieri) na região de Collecchio e Fornovo di Taro, no Norte da Itália, durante a campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Após se deparar com o imenso efetivo alemão, o então capitão Plínio Pitaluga solicitou o apoio do Comando da FEB, que enviou o 6º Regimento de Infantaria para auxiliar na rendição. (PITALUGA, 1947)

Figura 10 – General alemão Otto Fretter Pico, comandante da 148ª Infantaria, rendendo-se ao general brasileiro FEB Zenobio da Costa. Itália, 1945.²



²Disponível

em: <https://www.reddit.com/r/wwiipics/6wvjz1/german_general_otto_fretter_pico_commander_of_the/> Acesso 14 abril 2020.

2.4 A IMPORTÂNCIA DO 1º ESQD DE REC MEC DA FEB PARA A CAVALARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, APÓS A 2ª GUERRA MUNDIAL

Sendo o embrião da cavalaria mecanizada no Brasil, o 1º Esqd Rec Mec, foi pioneiro em tudo, a utilização dos carros de combate, já iniciado em anos anteriores, só aumentou após a 2ª Guerra Mundial. As organizações militares de cavalaria eram de maioria hipomóvel, principalmente os da fronteira do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso (hoje região do Mato Grosso do Sul, que ainda era um único estado), a doutrina, manuais, plano de ensino na AMAN, eram hipomóvel.

Com a volta da FEB, a evolução foi rápida, a doutrina foi mudada, novos manuais foram publicados, o investimento do governo federal veio de forma mais intensa, de modo que o país começou a pensar na sua proteção externa.

Em 1945, o então presidente Getúlio Vargas renunciou ao seu cargo, pondo fim ao Estado Novo. Novas eleições foram feitas, e o então General Eurico Gaspar Dutra, ganhou a eleição tomando posse como novo presidente do Brasil. Sendo o ministro da guerra durante a 2ª GM, o presidente Dutra se esforçou para melhorar as forças armadas, trazendo mais investimentos para o exército.

Também cabe-se salientar que a nova doutrina brasileira estava se baseando na dos Estados Unidos da América, viaturas de reconhecimento ¼ Ton 4x4 Jeep Willys, VBR M8 Greyhound, que foram utilizadas na 2ª GM, também como os carros de combate Sherman M4, M4A1, M4 Composite Hull, que foram disponibilizados dentro de um acordo com os norte-americanos o Lend-Lease, chegando 53 desses CC ao 1º Batalhão de Carros de Combate (1º BCC), que era situado no Rio de Janeiro, então capital federal.

Toda essa evolução ajudou o Brasil, a continuar como potência militar da América do Sul e principal cavalaria da região, com a rápida adequação motomecanizada de suas tecnologias de combate ligeiro, de reconhecimento, segurança e ataque na vanguarda.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Foi realizada uma pesquisa em livros, documentos e relatórios que se refiram ao 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado e a ofensiva da primavera. Esses dados foram restritos aos principais pontos envolvidos na pesquisa que suportem a tese e explanação sobre a descrição e narrativa dos acontecimentos, que foram fatos ocorridos entre os anos 1943-1945.

Por se tratar de uma pesquisa de âmbito bibliográfico, calcada em relatórios, entrevistas e fatos, os resultados e discussões foram tratados durante o desenvolvimento da pesquisa e estão escriturados nos capítulos do referencial teórico.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Pesquisa bibliográfica.

3.2 MÉTODOS

3.2.1 Pesquisa do Contexto Histórico

Foi necessário compreender o momento histórico em que o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da FEB esteve presente, reunindo informações sobre a constituição do esquadrão, seu preparo para a II Guerra Mundial, seu pessoal e material, as batalhas e missões que desempenhou durante a ofensiva da primavera. Para isso, foi focado a pesquisa em livros e relatórios que descrevam os ocorridos antes e durante a campanha da FEB.

3.2.2 Pesquisa da relevância do estudo sobre o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado

É de suma importância o conhecimento de todos os militares do exército, a história da campanha do 1º Esqd Rec Mec durante a II Guerra Mundial, seu preparo antes da partida, sua flexibilidade perante os problemas diversos que surgiram antes e durante a campanha, e um dos seus atos de maior coragem e arrojo, a conquista de Monte Castelo que está dentro da ofensiva da primavera.

A descrição dos fatos contido nesse trabalho, torna essa monografia uma narrativa de cunho científico no âmbito histórico, pois o relatório homologado pelo então Capitão Pitaluga, e arquivado nos arquivos do então ministério da guerra, e nos arquivos do Exército brasileiro,

contendo nos seus escritos todo o trajeto do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, verídicos e permanecem sendo o principal meio de consulta da história do esquadrão.

O Marechal Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, ao citar o Esquadrão de reconhecimento, expressou a suas considerações, que podem descrever uma síntese sobre todo o sentimento e valor histórico que do Esqd, ao escrever: “ O 1º Esquadrão de Reconhecimento, confirmou nos campos de batalha da Itália, o acerto e sua escolha como participante da Força Expedicionária Brasileira e, as esplêndidas qualidades do Cavalariano Brasileiro, dirigido por quadros capazes e um Comando eficiente, enérgico e ousado. Concorreu assim, brilhantemente, para que à nossa Pátria, fosse reservado um lugar de destaque entre as nações que velarão pela paz vindoura e a futura reconstrução de um mundo livre e feliz. ” (Mascarenhas de Moraes, 1945)

Figura 11 – Mortos do 1º Esquadrão de Reconhecimento na Itália³



**2º Sargento PEDRO KRINSKI –
1º ESCALÃO**
Falecido em 24 de Setembro de 1944 –
Vítima de Estilhaço de uma Granada –
REGIÃO DE CAMAIOR



**Cabo BENEDITIO ALVES –
1º ESCALÃO**
Falecido em 17 de Novembro de 1944;
VÍTIMA DE ACIDENTE COM ARMA DE
FOGO.
REGIÃO DE CASA FRANCO – ITÁLIA



**2º Tenente AMARO FELICÍSSIMO DA
SILVEIRA –
2º ESCALÃO**
Morto em Combate em 20 de Novembro de
1944 –
REGIÃO DE MONTILLOCO (GAGGIO
MONTAN)



**Soldado BERNADINO DA SILVA –
2º ESCALÃO**
Morto em Combate em 22 de Abril de 1945 –
REGIÃO DE GRANALI (PANARO)

³Disponível em:<<https://segundaguerra.org/feb-um-dia-com-o-esquadrao-de-reconhecimento/>>. Acesso 18 abril 2020.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A única tropa de Cavalaria da Força Expedicionária Brasileira, o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, Esquadrão Tenente Amaro, demonstrou toda a capacidade motivacional, moral, intelectual e laboral do povo brasileiro, que mesmo com as intemperes do tempo que tiveram para a preparação, da mudança repentina de doutrina francesa, trazida nas décadas de 1920, para a estadunidense da década de 1940, os pracinhas conseguiram transpor esses diversos obstáculos e desembarcaram em 1944 para marcar seus nomes nas páginas da história mundial.

Esse trabalho teve como finalidade descrever o 1º Esqd Rec Mec, e sua importância para a FEB durante a ofensiva da primavera, que foi o começo da derrocada alemã na Itália. Analisando o relatório de toda a campanha do 1º Esqd Rec Mec, escriturado então Capitão Pitaluga. Como a cavalaria do Exército Brasileiro, evoluiu de forma rápida, das tecnologias de armas hipomóvel, para a doutrina motomecanizada, com motivação e coragem dos pioneiros do 1º Esqd Rec Mec, que em poucos meses, foram adestrados e embarcaram para a 2ª Guerra Mundial.

Cabe salientar a liderança do General Plínio Pitaluga, então 1º Ten no início da campanha, como subcomandante do esquadrão para sua promoção e comando de forma impecável no teatro de operações. Seu relatório, detalha a campanha, e todos os percalços da guerra, baixas, mortos, feridos, viaturas, questões logísticas e pessoais, de instrução e preparo.

Finalmente, foi constatado que os objetivos desse referido trabalho foram alcançados. É de extrema importância para o Exército Brasileiro a busca e o conhecimento de sua história, de modo que o pioneirismo dos cavalarianos durante a 2ª GM foi sem precedentes para a evolução das tropas ligeiras do Brasil.

No começo da campanha missões simples foram feitas pelo 1º Esqd Rec Mec, porém após o começo da ofensiva da primavera foi demonstrado o espírito da cavalaria, sendo a tropa que estava na vanguarda de uma divisão inteira, quebrando toda defensiva inimiga e finalizando com honras a maior expedição brasileira em guerras.

REFERÊNCIAS

. **Relatório dos sargentos do 1º Esquadrão de Reconhecimento (1944-1945) - Campanha da Itália.** Rio de Janeiro, 1945.

_____. **História oral do Exército na 2ª Guerra Mundial.** TOMO 1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

BRANCO, Manuel Thomaz Castello. **O Brasil na Segunda Grande Guerra.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

Diogo Von Holleben Thomé. **Criação do 1º Esquadrão de Reconhecimento Motomecanizado na Força Expedicionária Brasileira.** Exército Brasileiro Centro de Instrução de blindados, 2018. Disponível em: <http://www.cibld.eb.mil.br/index.php/periodicos/escotilha-do-comandante/464-escotilha-106>. Acesso em: 10 abril de 2020.

MCCAM, Franck. **SOLDADOS DA PÁTRIA.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora 2009

Moraes, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante** / João Baptista Mascarenhas de Moraes. - Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Ed., 2005.

PITALUGA, Plínio. Relatório do 1º Esquadrão de Reconhecimento/1ª Divisão de Infantaria da F.E.B. [s.l.]. S.G.M.G. Gabinete Fotocartográfico, 1947.

ROESLER, Rafael. et al. **Iniciação a Pesquisa Científica.** 2ª edição. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2019.

SILVEIRA, JOEL. **FEB – Um Dia com o Esquadrão de Reconhecimento.** Agência Brasil, 2016. Disponível em: <http://segundaguerra.org/feb-um-dia-com-o-esquadrao-de-reconhecimento>. Acesso em: 18 abril. 2020.

THESHOWADAILY. **German General Otto Fretter Pico, Commander of the 148th Infantry surrendering to Brazilian FEB General Zenobio da Costa. Italy, 1945.** Reddit, 2018. Disponível em: <http://segundaguerra.org/feb-um-dia-com-o-esquadrao-de-reconhecimento>. Acesso em: 14 abril. 2020.